



## Onde está a unidade de vidas do exército? E qual é o pensamento da revolução?

Pelas declarações que o presidente do novo governo fez ontem no acto da posse dos ministros dos Estrangeiros e do Interior, verifica-se que, afinal, a despeito dos boatos e de certos factos insignificantes, como a fixação de residência do general Gomes da Costa nos Açores, tudo vai bem e não há motivo para alarmes.

E certo que o general Carmona declarou que se conspirava para aí, irritando os espíritos, temendo-se que ela conseguisse arremessar os sargentos contra os oficiais. Mas a união do exército é absoluta e a sua unidade de vidas neste momento, perfeita.

O novo ministério, ainda segundo a expressão do mesmo senhor, está apto a executar o pensamento da revolução de 28 de Maio. Acreditamos plamente—tanto mais que desconhecendo nós em que consiste o pensamento dessa revolução, nunca nos atrevemos a duvidar das afirmações de sua excelência.

Apenas nos atrevemos, delicadamente, tão delicadamente que a censura quedará maravilhada com a nossa gentileza, a perguntar o que é o pensamento da revolução de 28 de Maio.

Sim, o que é o pensamento da revolução? Há mais de um mês que o país espera ansioso que lhe digam, o que é o pensamento da revolução.

Nós estivemos convencidos de que a revolução não tinha pensamento. Mas surgiu tanta gente a afirmar o contrário, que sim, que havia um pensamento—que resolvemos procurá-lo por toda a parte na doce esperança de encontrá-lo.

Depois... já três chefes se sucederam após a eclosão do movimento que não chegaram a enunciá-lo, outros propósitos que fôssem os de salvar a Pátria... Mas salvar a Pátria não é um pensamento—é, quando muito, uma intenção. Dos três chefes, todos eles saídos da mesma revolução, todos eles componentes do mesmo exército que, segundo as recentes afirmações oficiais, está unido como um só homem, cada um agiu como lhe aprouve, dois foram destituídos e nenhum, que se saiba, mostrou às gentes ignoras que qual era o pensamento.

Pelas obras podem conhecer-se os pensamentos das pessoas, das classes, ou das corporações. E qual tem sido a obra deste exército triunfante, uno e indissolúvel? Fragmentária e nula, quando não prejudicial. Tão prejudicial que cada governo que sobe



**Assinar**  
**"Os Mistérios do Povo"**

## Notas & Comentários

Uma folha que se publica por aí se intitula abusivamente orgão de U. A. P., permitindo-se atingir a redação e a direção da Batalha com alguns insultos, aos quais não responderíamos, se não fosse a consideração que nos merecem as pessoas de boa fé que porventura os lesem. Entre outras sardases acusaram os jornalistas colaboradores das folhas de propaganda que a Batalha edita de comilões que escrevem na razão directa das notas que recebem. Temos pelos escrevinhadores dos insultos o máximo desprêzo. Estamos certos de que todas as pessoas que conhecem os jornalistas profissionais, que aím a sua profissão a sua qualidade de idealistas, escrevendo com amor e carinho, embora pouco recebendo pelo que escrevem, porque de outra profissão não vivem, sabem que o ataque feito no papelinho rancoroso visa apenas ao descrédito de pessoas limpas e probas, que por serem não merecem as simpatias das canádias que os insultam. E basta, por agora.

No sábado último, mestre Cruz, ao pagar as férias, lançou um imposto aos operários da obra. Nada menos do que quinze rias, a um escudo cada, eram os operários obrigados a adquirir.

E' claro, e outra coisa não se deveria ter feito, a maior parte dos operários recusou o pagamento do pesado imposto, enquanto um pequeno número condescendia em adquirir duas ou três rias.

Mestre Cruz ficou de mau humor e repetiu que, se se adquirir tudo ou nada, Lá vendeu, no entanto, as rias pedidas e suspendeu, aqueles que se recusavam a pagar uma só que o jaz quisesse impingir. Que tal está o mestre?

**A greve mineira**

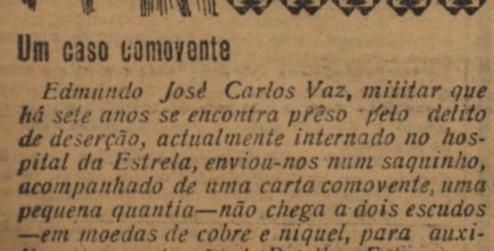
### O subsídio russo

LONDRES, 12.—Está averigulado que os mineiros ingleses continuam a receber largos subsídios dos seus camaradas russos. A última remessa foi de 600.000 libras.

talvez as economias do pobre soldado, vendido, esmagado pelo sofrimento de sete anos. Quantos mais abandonados não seriam capazes de imitar a gesto de Edmundo Vaz. Dois-nos a consciência aceitar este dinheiro das mãos de quem de certo necessita mais auxílio do que A Batalha, que de tanto auxílio precisa.

Quererá alguma leitor prestar auxílio a este homem?

Edmundo José Carlos Vaz, militar que há sete anos se encontra preso pelo delito de deserção, actualmente internado no hospital da Estrela, enviou-nos num saquinho, acompanhado de uma carta comovente, uma pequena quantia—não chega a dois escudos em moedas de cobre e níquel, para auxiliar a manutenção da Batalha. Estas eram



### PELOS HOSPITAIS CIVIS

## Para que a classe de enfermagem conquiste a posição a que tem direito, é necessário que as suas reclamações sejam integralmente atendidas

Umas das maiores sumidades médicas do nosso país, scientistas muito viajado e que à cura da tuberculose tem dado o melhor do seu esclarecido espírito, divulgando sobre os serviços hospitalares dos outros países, diz-nos há tempos o seguinte:

—A melhor enfermagem do mundo é hoje considerada pela seguinte ordem cronológica: suíça, inglesa e portuguesa.

Para esclarecer a sua opinião, o ilustre médico acrescentou:

—A-pesar-da enfermagem portuguesa ocupar o terceiro lugar, ela é de todas a mais rica de iniciativa. Quando o enfermeiro português possuir uma cultura mais ampla, a enfermagem portuguesa poderá alcançar o lugar que hoje pertence à suíça.

Assim será. Quando o enfermeiro português atingir um outro grau de cultura poderá organizar-nos de possuir a enfermagem mais perfeita.

Para conseguir esse desideratum, a enfermagem do nosso país já hoje reúne requisitos muito apreciáveis: sentimento de afetividade, carinho, abnegação e grande poder discriminativo.

O enfermeiro também possue, como vimos nos últimos artigos, uma mediana cultura que a Escola Profissional prodigalisa. Resta agora que os conhecimentos pedagógicos dêsses estabelecimento façam do enfermeiro um profissional competente, tão competente como é o seu confrade suíço.

A classe de enfermagem procura conseguir essa capacidade. O enfermeiro hoje, por intermédio da sua associação de classe, estuda todos os problemas que dizem respeito à sua carreira profissional.

De harmonia com esse estudo, as entidades competentes têm sido endereçadas algumas reclamações. Uma dessas reclamações, que merece destaque neste artigo, é a seguinte:

—Que no 2.º ano da Escola Profissional de Enfermagem seja administrado o ensino de obstetrícia (partos) às enfermeiras, ficando estas legalmente habilitadas a exercer o mister de parteiras.

Os impetrantes justificam assim os seus desejos:

A falta de parteiras em alguns hospitais determina que as parturientes sejam assistidas apenas por enfermeiras. Devido a esse facto as enfermeiras adquirem uma soma considerável de conhecimentos que as habilitam à profissão de parteiras.

Logo, se a enfermeira no hospital pode desempenhar as funções de parteira, para que não lhe falta competência e tirocinio, porque que for das hospitais a mesma parteira não poderá assistir aos partos?

Parece-nos que tudo isto se conseguiria dando a Escola capacidade legal, as enfermeiras, com conhecimentos de obstetrícia,

ratio do cumprimento dum programa de salvamento nacional.

O conselho de ministros de ontem ocupou-se da questão dos tabacos

O conselho de ministros reuniu ontem na secretaria das Colónias durante a sessão desde as 12 até às 15 horas, o conselho de ministros examinou a questão dos tabacos, considerando a liberdade de fabrico e de consumo. Ocupou-se da situação material do general Gomes da Costa e tratou do programa do governo, segundo a orientação, já conhecida, dos princípios em que se baseou o movimento militar de 28 de Maio. Ainda se ocupou da modificação do sistema tributário.

Ontem tomaram posse mais dois ministros novos: o dos Estrangeiros e do Interior. O general Carmona discursou no empossamento de ambos. Sobre o sr. dr. Bettencourt Rodrigues, que ficou com a pasta dos Estrangeiros, afirmou que ele estava integrado no conjunto de homens que constituem o actual governo, que consideraram um bloco unido que marcha equilibriumemente, um quadrado sagrado que só barqueará em condições extraordinárias que salvará o país "do plano inclinado em que o colocaram". Disse ainda no mesmo tom uma ou duas centenas de palavras, averiguando-se no fim que o sr. Bettencourt não conhecia os seus colegas do "quadro sagrado" pelo que se fizeram apresentações. Não se conheciam, mas têm o mesmo pensamento... O sr. dr. Bettencourt Rodrigues disse que podiam contar com ele, que gostava de pertencer ao "bloco sagrado", etc., etc.

O novo ministro do Interior é o sr. dr. Ribeiro Castanho, auditor dos tribunais militares. O general Alves Pedrosa fez, no acto da posse daquele ministro, estas graves declarações:

—Todos os dias nos chegam informações de que se conspira. Sabemos que se pretende insubordinar sargentos contra os seus oficiais. Ora esta situação não se pode manter. Por maior que seja o desejo de trabalhar, de que estão animados os membros do governo, ninguém pode realizar obra útil, com a preocupação constante do problema da ordem pública.

O novo ministro respondeu, corroborando, desse modo, as afirmações do general Pedroso:

—Vivemos numa atmosfera irrespirável. Chegam-nos boatos—com sério fundamento—de que se conspira. Pois bem: pronunciem-se sem demora as pessoas que tiverem de se pronunciar.

O éles, ou nós. Se forem éles, vamo-nos embora, deixando o encargo de governar a quem vier. Se formos nós, havemos de levar até ao final, sem uma fraqueza, sem uma hesitação, a obra que nos propomos realizar. Animemo-nos a todos o pensamento da revolução nacional de 28 de Maio. No actual governo, tal como está constituido, não há divergências, não há desunião. Existe, mais forte do que nunca, a coesão ministerial e isso representa a melhor ga-

## Copiando o odioso figurino democrático

### Continua-se prendendo e perseguindo injustificadamente operários conscientes

Os democráticos conquistaram, pelas suas violências e corrupção, a antipatia de todo o país—foi essa antipatia quem derrubou António Maria da Silva do Terreiro do Paço. De tal modo, esse político porfiou nos processos tantas vezes aplaudidos nos congressos do P. R. P., que eles ficaram conhecidos por «processos democráticos».

Os operários presos têm, na sua maioria, cadastro, não há dúvida. Têm-no, não porque tenham incorrido nas sanções do código, mas sim porque não conseguiram evitar ser atingidos, várias vezes, pela violência inqualificável de serem roubados ao convívio de suas famílias e ao trabalho com que angariavam seus meios de subsistência. Essas prisões foram efectuadas por polícias que tinham autênticos cadastros por delitos infamantes—e isso mesmo o reconheceu a actual situação.

Não se justifica que as mesmas pessoas que dissolveram aquele organismo policial, devido às arbitriações e violências que praticou esteja a perseguir aqueles que delas foram vítimas.

E' preciso que acabe duma vez para sempre o critério adoptado pelos democráticos, segundo o qual os operários devem ser carne de calabouço, devem viver em contínuo sobressalto, sob o odioso regime de liberdade provisória. Esse critério que ajudou bastante a deitar abaixo o general Carmona?

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato. O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higiénicos e alguns vãos de escada onde dormem, numa perfeita promiscuidade, duas e três empregadas.

Estas são as reclamações de ordem profissional dos enfermeiros. Há outras, porém, que figuram no seu lábano e que, são sob todos os pontos de vista, legítimas.

O pessoal de enfermagem feminino reclama há muito tempo o externato.

O hospital não lhe dá uma boa alimentação, fornecendo-lhe quartos anti-higién

## Vão realizar-se em Evora touradas de morte

EVORA, 9. — Evora, a *catedral do silêncio*, como lhe chamou um poeta, vai assistir a um ruidoso espetáculo, bárbaro e anti-civilizador, impróprio do século. A data marcada para a realização do espetáculo, é o dia 25 ou 29 do corrente, segundo se diz, algo em segredo.

Os organizadores da corrida são burgeses, como não podia deixar de ser, e a receita líquida — o total não, porque elas não podem perder — destina-se às casas de caridade de Evora, assim como os animais abatidos na praça.

Como se vê para a realização duma barbaridade, atirasse os olhos dos ignorantes com o rótulo filantrópico para assim conseguirem alguns escudos que serão entregues às casas de beneficência em nome dos organizadores da corrida. E' esta a filantrópica e a generosidade dos homens de dinheiro desta terra. Este género de espetáculo é uma pretensão muito antiga de um grupo de lavradores. Touros de morte em Evora! E' progresso, — dizem os admiradores de tal espetáculo.

Na verdade a *catedral do silêncio* progride... para as épocas bárbaras.

### Uma sessão de protesto contra o bárbaro espetáculo

No dia 7. do corrente, efectuou-se, na U. S. O., uma sessão de protesto, usando da palavra vários camaradas. Foram debatidos vários assuntos, entre elas o estado político actual e as deportações de operários. Discutiu-se a realização de touradas de morte em Evora, tendo ficado nomeada uma comissão que se avistou no dia seguinte com o governador civil, protestando contra a realização da tourada. — C.

### Um protesto contra a ignobil selvageria dos touros de morte

Os engenheiros A. R. Silva Junior e George Potter, em nome do conselho directivo da Liga de Defesa dos Animais, foram entregar ontem ao sr. ministro do Interior uma larga representação contra a realização anunciada em Evora para 25 do corrente duma tourada à espanhola em que se pretende fazer sucumbir a praça pública um curo completo.

Nessa representação igualmente se protesta contra igual tentativa que está a organizar-se em Lisboa para o mesmo fim, o que faria retroceder a civilização para tempos idos de ferocidade e crueldade que são incompatíveis com o sentimento nacional e a cultura do mundo, na época presente.

A Liga anuncia que apresentará brevemente um projecto de lei para regular estes baixos espetáculos, enquanto se não consegue abolir os de todos no qual se propõem o imediato encerramento das escolas de toureiro com inscrição de menores o que é abominável e contrário às leis de protecção a menores e ao que sobre moral e pedagogia vigora no país.

Nesta representação cita-se que a Inglaterra aboliu já há tempo os combates de galos e também com a França e outros países o «Tiro nos Pombos» e que na própria Espanha, se estão determinando profundas medidas no regulamento das touradas, a fim de fazer desaparecer todo o seu aspecto desumano e bárbaro, que tanto mancha a cultura do país vizinho, não sendo pois admissível que seja, na Europa, Portugal o único país que em vez de avançar tenta retroceder.

A todas as delegações da Liga no país e colónias foi enviada cópia da reclamação apresentada.

### Edições de "A Sementeira"

Práticas não-maltusianas.....	\$50
O sentido em que somos anarquistas.....	\$30
A peste religiosa.....	\$40
A liberdade.....	\$50
A internacional (música e letra).....	\$30
Pedidos a A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82	

### Sacco e Vanzetti

Foi aprovada pelo Sindicato Único da Construção Civil uma moção de protesto contra a condenação da sentença de morte a Sacco e Vanzetti decretada pela justiça norte-americana.

Reuniu a direcção do Sindicato dos Operários Aliajados estando representado o Conselho Fiscal, que entre outro expediente aprovou a circular n.º 59 da Confederação Geral do Trabalho, sobre a condenação da sentença que condena à morte os camaradas Sacco e Vanzetti, resolvendo a direcção solidarizar-se com todos os protestos contra a decisão do tribunal do Estado de Massachusetts, e isto, por não poder realizar nenhuma assembleia magna, por a direcção não estar disposta a realizar assembleias, enquanto perdurar a ditadura militar e consequentemente a suspensão de garantias, que implica o pedido de autorização, que esta direcção não quer fazer.

### Academia de Amadores de Música

O concerto extraordinário, promovido por uma comissão de alunos, marcado para o dia 10 do corrente o que não pode efectuar-se em consequência da suspensão de garantias, realizar-se-há amanhã, às 22 horas prelúxas, com o mesmo magnífico programa, que já publicámos.

### Silvério dos Santos

O camarada Silvério dos Santos que estava internado no hospital de São José passou para a enfermaria de São Fernando no hospital do Desterro.

### 200 casas destruídas por uma explosão

DOWER (New Jersey), 12. — As cidades, vilas e povoações num raio de 24 quilómetros à volta de Lak Damppark, onde se deu a explosão do arsenal, estão marcadas com os sinais de contínuas explosões, pedaços de madeira, pedras, etc., que são arrastadas pela violência da explosão.

Cerca de 200 casas que envolviam o arsenal ficaram completamente destruídas, tendo a Cruz Vermelha americana partido em socorro dos feridos.

Alguns tentativa surtiu efeito, mesmo que se salvem o rei e a monarquia, Rivera será definitivamente afastado e esquecido.

Joé LUCICH

## A imprensa

entregou ontem ao ministro da Justiça uma reclamação contra a nova lei que limita o seu exercício

Ontem à tarde uma comissão delegada dos jornais de Lisboa entregou ao ministro da Justiça uma exposição que, por ser muito extensa, não podemos inserir na íntegra. Nela se reclama a alteração à lei de imprensa ultimamente publicada e que termina, em síntese, da seguinte forma:

Em conclusão, vimos pedir a v. ex. as seguintes alterações da lei:

Artigo 4.º As palavras «imposta ao proprietário, ao editor e ao dono do estabelecimento» substituídas pelas seguintes: «imposta ao editor e na sua falta ao proprietário, e na falta de ambos ao dono do estabelecimento».

Art. 4.º, § único. Eliminado.

Art. 10.º Substituir as palavras «boatos ou informação capaz, etc., pelas seguintes «boatos ou informações manifestamente propostas e suspeitáveis pela sua gravidade, etc.»; as palavras «linguagem despejada» por «linguagem escandalosamente despejada».

Art. 11.º Eliminar «art. 137.º».

Art. 16.º, § 3º. Eliminar as palavras «e qualquer ministro diplomático de nação estrangeira».

Art. 17.º, § 17.º Eliminado.

Art. 22.º Eliminar as palavras «e o do estabelecimento onde tiver sido feita a impressão».

Art. 53.º § 3º. — Substituir a palavra «igar» por «página» e as palavras «a extensão destas» para o dobro do espaço ocupado pela «dissamação ou mil» de impressa.

Art. 56.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Art. 57.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Art. 58.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Finalmente pedem os diretores dos jornais de Lisboa que os artigos da lei sejam ordenados por materiais e agrupados em capítulos, de modo que se torne fácil a sua consulta pela metódica ordenação da matéria.

Pelo dr. sr. Fidelino da Costa, como redactor principal de *O Mundo*, foi apresentada a seguinte declaração de voto:

Quanto à referência que nesta exposição se faz no tocante à inclusão do artigo 137.º do Código Penal, no artigo 11.º do Decreto, e em que se solicita a sua eliminação, tenho a esclarecer o meu voto nos seguintes termos:

Aos ministros de qualquer religião foi sempre atribuída uma maior responsabilidade pelos crimes cometidos por abusos de funções religiosas, precisamente por deles emanar uma força sugestiva superior à de qualquer particular.

Em direito sucessório mesmo, restringe-se a capacidade de herdar não só aos ministros de qualquer religião mas também aos médicos assistentes por se reconhecer uma mais forte força espiritual junto dos indivíduos.

Como a lei de Imprensa, contra a qual se reclama, inclui no seu artigo final o clássico e escusado preceito: «íca revogada a legislação em contrário» e como no artigo 11.º se diz que «única» se consideram abusos de liberdade de Imprensa os crimes que enumera, inclusivamente, na parte aplicável, o artigo 137.º do Cód. Penal entendo que este artigo pode deixar de ser citado na lei de Imprensa, se se disser expressamente que o artigo 137.º do Cód. Penal fica em vigor.

Aqui tem, sr. director, firmado por um sr. Mário Mesquita que quer ser provedor da Assistência e sócio do Registo Civil no Poco do Bispo, onde tem uma agência de casamentos e baptizados religiosos.

Há ainda mais: Um sr. Moreira que teve um processo por receber dinheiro de indígenas e que tem reincidido. Um Pimenta que é digno da *campanha de moralidade* que a troupe vem fazendo: há dias violou uma indígena que foi à Assistência pedir qualquer coisa, e de que ele se aproveitou para continuar a sua campanha de moralidade. Há também um sr. Carvalho, chefe do pessoal, que é um dos arautos da campanha de moralidade. Este senhor dirigiu uma colónia de Proweira; teve, como medida de moralidade, que ser afastado.

Há pouco tempo ainda fez no jardim da Proweira uma plantação de hortelã que vendia no mercado defronte e cujo dinheiro guardava.

Estes são funcionários. Há ainda os srs. Mário Mesquita que quer ser provedor da Assistência e sócio do Registo Civil que quer ser director do Refúgio, a-pesar das grandes provas de moral, das quais foi governador civil um dos distritos do sul, casos a que o seu jornal se referiu.

Aqui tem, sr. director, firmado por um sr. V. etc., etc. — João Maria Marques Costa Júnior.

De v. etc., etc. — João Maria Marques Costa Júnior.

Artigo 11.º, § 17.º Eliminado.

Artigo 16.º, § 3º. Eliminado.

Artigo 53.º § 3º. — Substituir a palavra «igar» por «página» e as palavras «a extensão destas» para o dobro do espaço ocupado pela «dissamação ou mil» de impressa.

Artigo 56.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Artigo 57.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Finalmente pedem os diretores dos jornais de Lisboa que os artigos da lei sejam ordenados por materiais e agrupados em capítulos, de modo que se torne fácil a sua consulta pela metódica ordenação da matéria.

Pelo dr. sr. Fidelino da Costa, como redactor principal de *O Mundo*, foi apresentada a seguinte declaração de voto:

Quanto à referência que nesta exposição se faz no tocante à inclusão do artigo 137.º do Código Penal, no artigo 11.º do Decreto, e em que se solicita a sua eliminação, tenho a esclarecer o meu voto nos seguintes termos:

Aos ministros de qualquer religião foi sempre atribuída uma maior responsabilidade pelos crimes cometidos por abusos de funções religiosas, precisamente por deles emanar uma força sugestiva superior à de qualquer particular.

Em direito sucessório mesmo, restringe-se a capacidade de herdar não só aos ministros de qualquer religião mas também aos médicos assistentes por se reconhecer uma mais forte força espiritual junto dos indivíduos.

Como a lei de Imprensa, contra a qual se reclama, inclui no seu artigo final o clássico e escusado preceito: «íca revogada a legislação em contrário» e como no artigo 11.º se diz que «única» se consideram abusos de liberdade de Imprensa os crimes que enumera, inclusivamente, na parte aplicável, o artigo 137.º do Cód. Penal entendo que este artigo pode deixar de ser citado na lei de Imprensa, se se disser expressamente que o artigo 137.º do Cód. Penal fica em vigor.

Aqui tem, sr. director, firmado por um sr. Mário Mesquita que quer ser provedor da Assistência e sócio do Registo Civil que quer ser director do Refúgio, a-pesar das grandes provas de moral, das quais foi governador civil um dos distritos do sul, casos a que o seu jornal se referiu.

De v. etc., etc. — João Maria Marques Costa Júnior.

Artigo 11.º, § 17.º Eliminado.

Artigo 16.º, § 3º. Eliminado.

Artigo 53.º § 3º. — Substituir a palavra «igar» por «página» e as palavras «a extensão destas» para o dobro do espaço ocupado pela «dissamação ou mil» de impressa.

Artigo 56.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Artigo 57.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Finalmente pedem os diretores dos jornais de Lisboa que os artigos da lei sejam ordenados por materiais e agrupados em capítulos, de modo que se torne fácil a sua consulta pela metódica ordenação da matéria.

Pelo dr. sr. Fidelino da Costa, como redactor principal de *O Mundo*, foi apresentada a seguinte declaração de voto:

Quanto à referência que nesta exposição se faz no tocante à inclusão do artigo 137.º do Código Penal, no artigo 11.º do Decreto, e em que se solicita a sua eliminação, tenho a esclarecer o meu voto nos seguintes termos:

Aos ministros de qualquer religião foi sempre atribuída uma maior responsabilidade pelos crimes cometidos por abusos de funções religiosas, precisamente por deles emanar uma força sugestiva superior à de qualquer particular.

Em direito sucessório mesmo, restringe-se a capacidade de herdar não só aos ministros de qualquer religião mas também aos médicos assistentes por se reconhecer uma mais forte força espiritual junto dos indivíduos.

Como a lei de Imprensa, contra a qual se reclama, inclui no seu artigo final o clássico e escusado preceito: «íca revogada a legislação em contrário» e como no artigo 11.º se diz que «única» se consideram abusos de liberdade de Imprensa os crimes que enumera, inclusivamente, na parte aplicável, o artigo 137.º do Cód. Penal entendo que este artigo pode deixar de ser citado na lei de Imprensa, se se disser expressamente que o artigo 137.º do Cód. Penal fica em vigor.

Aqui tem, sr. director, firmado por um sr. Mário Mesquita que quer ser provedor da Assistência e sócio do Registo Civil que quer ser director do Refúgio, a-pesar das grandes provas de moral, das quais foi governador civil um dos distritos do sul, casos a que o seu jornal se referiu.

De v. etc., etc. — João Maria Marques Costa Júnior.

Artigo 11.º, § 17.º Eliminado.

Artigo 16.º, § 3º. Eliminado.

Artigo 53.º § 3º. — Substituir a palavra «igar» por «página» e as palavras «a extensão destas» para o dobro do espaço ocupado pela «dissamação ou mil» de impressa.

Artigo 56.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Artigo 57.º Eliminar as palavras «e o periódico suspenso por dois meses».

Finalmente pedem os diretores dos jornais de Lisboa que os artigos da lei sejam ordenados por materiais e agrupados em capítulos, de modo que se torne fácil a sua consulta pela metódica ordenação da matéria.

Pelo dr. sr. Fidelino da Costa, como redactor principal de *O Mundo*, foi apresentada a seguinte declaração de voto:

Quanto à referência que nesta exposição se faz no tocante

## MARCO POSTAL

Borba — Associação dos Rurais — Recebemos vale de 19\$00. Assinatura paga até 31 do corrente.

Amarante — Sebastião da Silva — Recebemos vale de 10\$00. Pagou a assinatura até 11 de Maio; p. p.

Vale de Vargo — Fiel Baptista Machado — Recebemos 3\$00. Assinatura paga até 31 do corrente.

Terrugem — Associação dos Rurais — Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 31 do corrente.

Santo Aleixo — Monforte — Associação dos Rurais — Recebemos 9\$50. Pago a assinatura até 31 do corrente.

Panoias — João Antonio Chaparro — Recebemos 20\$00. Assinatura do diário paga até 31 de Agosto, p. f. O suplemento paga até 2 do mesmo mês.

## AGENDA

## CALENDARIO DE JULHO

1.	6	13	20	27	HOJE O SOL
Q.	7	14	21	28	Aparece às 5,20
Q.	1	8	15	22	Desaparece às 20,3
S.	2	9	16	23	30
S.	3	10	17	24	FASES DA LUA
D.	4	11	18	25	Q. M. dia 2. as 18,2
S.	5	12	19	26	L. N. * 9 * 23,6
					Q. C. * 18 * 2,55
					L. C. * 25 * 5,13

## CAMBIOS

Paises	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	3510	
Paris, cheque	551	
Suica	378,5	
Bruxelas cheque	445	
New-York	19555	
Amsterdão	7585	
Itália, cheque	368	
Brasil	3510	
Praga	558	
Suécia, cheque	524	
Austria, cheque	2577	
Berlim,	4566	

## ESPECTÁCULOS

TEATROS  
Trindade — A's 21, 23, 25 — O Patriota.  
Dolores — A's 21, 23, 25 — O Leão da Estrela.  
Lrenha — A's 21, 23, 25 — O Dr. da Mula Ruça.  
Maria Vitoria — A's 21 e 22, 23, 25 — O Az de Espanhas.  
Variedades — A's 21, 15 e 22, 15 — O Pô de Arroz  
Eduardo Frey — A's 21 — Graciosa.  
Cinema — O Vicente (à Graciosa) — Espectáculos às 18<sup>h</sup>, sábados e domingos com matinée.  
Incrível Teatro — Todas as noites. Concertos à direcção.

CINEMAS  
Tivoli — Olímpia — Central — Condes — Chiado Terreiro — Ideal — Arcos — Andrade — Promotora — Esperança — Largo — Cine Lapa.

## LIMAS NACIONAIS

UNIÃO  
Sociedade dos Limas Nacionais — Praça da Liberdade, 11 — Realização em 1923 — Exposições de 1923 — Exposições de 1924 — Exposições de 1925 — Exposições de 1926 — Exposições de 1927 — Exposições de 1928 — Exposições de 1929 — Exposições de 1930 — Exposições de 1931 — Exposições de 1932 — Exposições de 1933 — Exposições de 1934 — Exposições de 1935 — Exposições de 1936 — Exposições de 1937 — Exposições de 1938 — Exposições de 1939 — Exposições de 1940 — Exposições de 1941 — Exposições de 1942 — Exposições de 1943 — Exposições de 1944 — Exposições de 1945 — Exposições de 1946 — Exposições de 1947 — Exposições de 1948 — Exposições de 1949 — Exposições de 1950 — Exposições de 1951 — Exposições de 1952 — Exposições de 1953 — Exposições de 1954 — Exposições de 1955 — Exposições de 1956 — Exposições de 1957 — Exposições de 1958 — Exposições de 1959 — Exposições de 1960 — Exposições de 1961 — Exposições de 1962 — Exposições de 1963 — Exposições de 1964 — Exposições de 1965 — Exposições de 1966 — Exposições de 1967 — Exposições de 1968 — Exposições de 1969 — Exposições de 1970 — Exposições de 1971 — Exposições de 1972 — Exposições de 1973 — Exposições de 1974 — Exposições de 1975 — Exposições de 1976 — Exposições de 1977 — Exposições de 1978 — Exposições de 1979 — Exposições de 1980 — Exposições de 1981 — Exposições de 1982 — Exposições de 1983 — Exposições de 1984 — Exposições de 1985 — Exposições de 1986 — Exposições de 1987 — Exposições de 1988 — Exposições de 1989 — Exposições de 1990 — Exposições de 1991 — Exposições de 1992 — Exposições de 1993 — Exposições de 1994 — Exposições de 1995 — Exposições de 1996 — Exposições de 1997 — Exposições de 1998 — Exposições de 1999 — Exposições de 2000 — Exposições de 2001 — Exposições de 2002 — Exposições de 2003 — Exposições de 2004 — Exposições de 2005 — Exposições de 2006 — Exposições de 2007 — Exposições de 2008 — Exposições de 2009 — Exposições de 2010 — Exposições de 2011 — Exposições de 2012 — Exposições de 2013 — Exposições de 2014 — Exposições de 2015 — Exposições de 2016 — Exposições de 2017 — Exposições de 2018 — Exposições de 2019 — Exposições de 2020 — Exposições de 2021 — Exposições de 2022 — Exposições de 2023 — Exposições de 2024 — Exposições de 2025 — Exposições de 2026 — Exposições de 2027 — Exposições de 2028 — Exposições de 2029 — Exposições de 2030 — Exposições de 2031 — Exposições de 2032 — Exposições de 2033 — Exposições de 2034 — Exposições de 2035 — Exposições de 2036 — Exposições de 2037 — Exposições de 2038 — Exposições de 2039 — Exposições de 2040 — Exposições de 2041 — Exposições de 2042 — Exposições de 2043 — Exposições de 2044 — Exposições de 2045 — Exposições de 2046 — Exposições de 2047 — Exposições de 2048 — Exposições de 2049 — Exposições de 2050 — Exposições de 2051 — Exposições de 2052 — Exposições de 2053 — Exposições de 2054 — Exposições de 2055 — Exposições de 2056 — Exposições de 2057 — Exposições de 2058 — Exposições de 2059 — Exposições de 2060 — Exposições de 2061 — Exposições de 2062 — Exposições de 2063 — Exposições de 2064 — Exposições de 2065 — Exposições de 2066 — Exposições de 2067 — Exposições de 2068 — Exposições de 2069 — Exposições de 2070 — Exposições de 2071 — Exposições de 2072 — Exposições de 2073 — Exposições de 2074 — Exposições de 2075 — Exposições de 2076 — Exposições de 2077 — Exposições de 2078 — Exposições de 2079 — Exposições de 2080 — Exposições de 2081 — Exposições de 2082 — Exposições de 2083 — Exposições de 2084 — Exposições de 2085 — Exposições de 2086 — Exposições de 2087 — Exposições de 2088 — Exposições de 2089 — Exposições de 2090 — Exposições de 2091 — Exposições de 2092 — Exposições de 2093 — Exposições de 2094 — Exposições de 2095 — Exposições de 2096 — Exposições de 2097 — Exposições de 2098 — Exposições de 2099 — Exposições de 20100 — Exposições de 20101 — Exposições de 20102 — Exposições de 20103 — Exposições de 20104 — Exposições de 20105 — Exposições de 20106 — Exposições de 20107 — Exposições de 20108 — Exposições de 20109 — Exposições de 20110 — Exposições de 20111 — Exposições de 20112 — Exposições de 20113 — Exposições de 20114 — Exposições de 20115 — Exposições de 20116 — Exposições de 20117 — Exposições de 20118 — Exposições de 20119 — Exposições de 20120 — Exposições de 20121 — Exposições de 20122 — Exposições de 20123 — Exposições de 20124 — Exposições de 20125 — Exposições de 20126 — Exposições de 20127 — Exposições de 20128 — Exposições de 20129 — Exposições de 20130 — Exposições de 20131 — Exposições de 20132 — Exposições de 20133 — Exposições de 20134 — Exposições de 20135 — Exposições de 20136 — Exposições de 20137 — Exposições de 20138 — Exposições de 20139 — Exposições de 20140 — Exposições de 20141 — Exposições de 20142 — Exposições de 20143 — Exposições de 20144 — Exposições de 20145 — Exposições de 20146 — Exposições de 20147 — Exposições de 20148 — Exposições de 20149 — Exposições de 20150 — Exposições de 20151 — Exposições de 20152 — Exposições de 20153 — Exposições de 20154 — Exposições de 20155 — Exposições de 20156 — Exposições de 20157 — Exposições de 20158 — Exposições de 20159 — Exposições de 20160 — Exposições de 20161 — Exposições de 20162 — Exposições de 20163 — Exposições de 20164 — Exposições de 20165 — Exposições de 20166 — Exposições de 20167 — Exposições de 20168 — Exposições de 20169 — Exposições de 20170 — Exposições de 20171 — Exposições de 20172 — Exposições de 20173 — Exposições de 20174 — Exposições de 20175 — Exposições de 20176 — Exposições de 20177 — Exposições de 20178 — Exposições de 20179 — Exposições de 20180 — Exposições de 20181 — Exposições de 20182 — Exposições de 20183 — Exposições de 20184 — Exposições de 20185 — Exposições de 20186 — Exposições de 20187 — Exposições de 20188 — Exposições de 20189 — Exposições de 20190 — Exposições de 20191 — Exposições de 20192 — Exposições de 20193 — Exposições de 20194 — Exposições de 20195 — Exposições de 20196 — Exposições de 20197 — Exposições de 20198 — Exposições de 20199 — Exposições de 20200 — Exposições de 20201 — Exposições de 20202 — Exposições de 20203 — Exposições de 20204 — Exposições de 20205 — Exposições de 20206 — Exposições de 20207 — Exposições de 20208 — Exposições de 20209 — Exposições de 20210 — Exposições de 20211 — Exposições de 20212 — Exposições de 20213 — Exposições de 20214 — Exposições de 20215 — Exposições de 20216 — Exposições de 20217 — Exposições de 20218 — Exposições de 20219 — Exposições de 20220 — Exposições de 20221 — Exposições de 20222 — Exposições de 20223 — Exposições de 20224 — Exposições de 20225 — Exposições de 20226 — Exposições de 20227 — Exposições de 20228 — Exposições de 20229 — Exposições de 20230 — Exposições de 20231 — Exposições de 20232 — Exposições de 20233 — Exposições de 20234 — Exposições de 20235 — Exposições de 20236 — Exposições de 20237 — Exposições de 20238 — Exposições de 20239 — Exposições de 20240 — Exposições de 20241 — Exposições de 20242 — Exposições de 20243 — Exposições de 20244 — Exposições de 20245 — Exposições de 20246 — Exposições de 20247 — Exposições de 20248 — Exposições de 20249 — Exposições de 20250 — Exposições de 20251 — Exposições de 20252 — Exposições de 20253 — Exposições de 20254 — Exposições de 20255 — Exposições de 20256 — Exposições de 20257 — Exposições de 20258 — Exposições de 20259 — Exposições de 20260 — Exposições de 20261 — Exposições de 20262 — Exposições de 20263 — Exposições de 20264 — Exposições de 20265 — Exposições de 20266 — Exposições de 20267 — Exposições de 20268 — Exposições de 20269 — Exposições de 20270 — Exposições de 20271 — Exposições de 20272 — Exposições de 20273 — Exposições de 20274 — Exposições de 20275 — Exposições de 20276 — Exposições de 20277 — Exposições de 20278 — Exposições de 20279 — Exposições de 20280 — Exposições de 20281 — Exposições de 20282 — Exposições de 20283 — Exposições de 20284 — Exposições de 20285 — Exposições de 20286 — Exposições de 20287 — Exposições de 20288 — Exposições de 20289 — Exposições de 20290 — Exposições de 20291 — Exposições de 20292 — Exposições de 20293 — Exposições de 20294 — Exposições de 20295 — Exposições de 20296 — Exposições de 20297 — Exposições de 20298 — Exposições de 20299 — Exposições de 20300 — Exposições de 20301 — Exposições de 20302 — Exposições de 20303 — Exposições de 20304 — Exposições de 20305 — Exposições de 20306 — Exposições de 20307 — Exposições de 20308 — Exposições de 20309 — Exposições de 20310 — Exposições de 20311 — Exposições de 20312 — Exposições de 20313 — Exposições de 20314 — Exposições de 20315 — Exposições de 20316 — Exposições de 20317 — Exposições de 20318 — Exposições de 20319 — Exposições de 20320 — Exposições de 20321 — Exposições de 20322 — Exposições de 20323 — Exposições de 20324 — Exposições de 20325 — Exposições de 20326 — Exposições de 20327 — Exposições de 20328 — Exposições de 20329 — Exposições de 20330 — Exposições de 20331 — Exposições de 20332 — Exposições de 20333 — Exposições de 20334 — Exposições de 20335 — Exposições de 20336 — Exposições de 20337 — Exposições de 20338 — Exposições de 20339 — Exposições de 20340 — Exposições de 20341 — Exposições de 20342 — Exposições de 20343 — Exposições de 20344 — Exposições de 20345 — Exposições de 20346 — Exposições de 20347 — Exposições de 20348 — Exposições de 20349 — Exposições de 20350 — Exposições de 20351 — Exposições de 20352 — Exposições de 20353 — Exposições de 20354 — Exposições de 20355 — Exposições de 20356 — Exposições de 20357 — Exposições de 20358 — Exposições de 20359 — Exposições de 20360 — Exposições de 20361 — Exposições de 20362 — Exposições de 20363 — Exposições de 20364 — Exposições de 20365 — Exposições de 20366 — Exposições de 20367 — Exposições de 20368 — Exposições de 20369 — Exposições de 20370 — Exposições de 20371 — Exposições de 20372 — Exposições de 20373 — Exposições de 20374 — Exposições de 20375 — Exposições de 2

# A BATALHA

## PREJUÍSOS MORAIS E SOCIAIS DA EDUCAÇÃO RELIGIOSA E VANTAGENS DO ENSINO LAICO

Estamos numa época de singulares transformações, que por completo atingiram não apenas o sábio, o filósofo, o psicólogo, mas a multidão, o fundo mesmo das sociedades, ligadas entre si por um novo e cada vez mais livre e mais perfeito ideal humano. Deste modo, como poderia o professor do nosso século ficar alheio a esse movimento avassalador e electrizante, sem por ele ser arredado e esquecido, como objecto inútil?

O professor moderno, com efeito, já não é esse *magister durus*, esse pedagogo severo e severo que rezava em latim, é certo, mas ignorava leis os principios naturais, não sabendo criar nos espíritos a ansiosa, irresistível curiosidade de saber que agita todo o mundo moderno. Esse rotineiro da fórmula escolástica e do dogma católico, que era, ao mesmo tempo, pedagogo e cura de almas, atravessando os campos e as aldeias com o hissópe num bôsco e no outro a palmaíra, ésses morreu de vez.

No conflito entre a teologia e a ciência quebrou-se-lhe uma das armas, secou-se-lhe uma das fontes e hoje o padre apenas reza missas confessas devotas. Se ele foi útil, hoje, o espírito do século, a ciência experimental, marcou-lhe de tal modo o seu lugar, que já deixou de ser uma força a agravar para ser um obstáculo a remover.

Os povos também assim o compreenderam e o fizeram sentir, ora subtraindo os filhos à sua catequese, ora aplaudindo e confortando aqueles que do seu lar ou do seu burgo o repeliram, como elemento estranho. Qual a razão do facto? Intolerância? Falta de educação moral? De modo algum. Isto acontece porque a sociedade se convenceu, há muito, que de um lado estão as suas conveniências, o seu futuro, o seu progresso e do outro os mesquinhos interesses de Roma e dos teólogos. E daí a impôrância que ela está dando ao professor e o abandono, o esquecimento a que lançou o padre. Entre o primeiro e o segundo há, com efeito, uma grande distância. E assim tinha que ser.

Nesta época de afirmações concretas e de realizações práticas, um elimina o outro; a ação desse é a negativa da ação daquele. Daí também o empenho que a Igreja tem, nos momentos de crise, em que se observa a neutralidade do ensino.

Não tendo força para lançar a sua rede, pretende que nós recolhemos a nossa. Não podendo forçar a haste que vai crescendo em ramos, e em flores, exige que nós lhe não toquemos; que lhe não façamos uma sebe de abrigo, se o vento a açoite; que a não podemos, para a libertar dos rebentos daninhos, deixando-a assim desamparada e à mercê do primário que queria incliná-la para colher-lhe o fruto, que para nós deve ser vedado, como o da árvore do mal.

Ensinar sem comentar; expôr sem tirar deduções; deixar passar o erro e nada dizer à inocência. E chama-se a isto seu neutro em matéria de ensino! Como se fosse possível ensinar sem emitir opiniões!

Não! Se na minha aula o trecho lido ou a lição marcada se presta a dúvida sobre qualquer ponto doutrinário, eu tenho que explicar, que esclarecer. Se um aluno, tendo um autor que descreva o céu, aponta para cima, e, falando do inferno, indica o soalho, a significar que fica para baixo, eu tenho que intervir, demonstrando que o seu gesto é absurdo, visto que perante a imensidão dos espacos não há para baixo nem para cima.

Se alguém, dentro da minha aula, falar por exemplo, em resurreição de mortos, a minha intervenção é ainda necessária, afirmando que não há, nunca houve quem ressuscitasse mortos.

Se no âmbito da classe ouvir dizer que um grave no espaço deixou de cair, segundo as leis físicas, o meu dever é ainda a sempre sustentar, afirmar o poder da natureza que não admite suspensões, temporárias embora, das propriedades dos corpos.

Não sendo um burlão, assiste-me o indeclinável dever de demonstrar que a suspeita de leis naturais não se constatou nunca em presença de quem as pudessem compreender e discutir, scientificamente.

E sendo assim, a neutralidade não traria consigo a negação da obra positiva, reconstrutora do Estado? Não seria a morte da Escola emancipadora e emancipada?

Não tenha sobre tal caso a menor dúvida. Dessa neutralidade adviria uma grave injustiça, ficando o Estado privado de um direito de que nunca foi privada a Igreja: de realizar, em público, nos seus estabelecimentos, a obra educativa e científica que a sociedade exige, para que o progresso não seja uma ficção. Fique, portanto a Igreja com os templos para catequização pública dos seus dogmas e dos seus absurdos científicos, mas deixe-nos o ensino da ciência e das verdades reconhecidas, e a liberdade de o fazermos nas nossas Escolas, mais pobres, mais modestas e até, muitas vezes, de mais difícil acesso que as Igrejas. Quando o pregador católico atacar a obra do Estado—e quantas vezes o tem feito?—onde e como poderemos responder-lhe? Na Igreja? Não, porque Roma não consente. Não, porque o espírito intolerante dos devotos daria o apedrejamento de aquele que tal ousasse.

Circulará, então, o erro livremente? Ficaremos inibidos de produzir a nossa desafonia, de defendermos o nosso nome, a nossa inteligência, o nosso patrimônio, a nossa honra, em público, escarneados e ultrajados? Não poderemos comparecer perante a opinião pública para restabelecer a verdade?

Seria absurdo e irrisório. Basta o que a reacção de todos os tempos e em todos os lugares tem praticado: ensinar, pregá-la, mentir livremente do alto de todos os púlpitos e de todas as catedrais?

Aí agora que nós começámos a ter esperanças de conseguir igual direito para a constatação de verdades largamente demonstradas, é que pretendem iludir-nos e humilhar-nos, obrigando-nos a guardar o silêncio respeitoso que éles nunca souberam nem quereram guardar...

Não! Esta ainda de pé a obra iníqua de muitos séculos de depressão moral e mental que o clericalismo, a superstição religiosa erguem em frente da consciência humana. Precisamos, portanto, derrui-la e sobre os seus destroços erguer a nova construção, ou seja a nova sociedade, mais consciente, mais alta e mais nobre.

Para isso uma única causa bastará: emançar a Escola, fazendo com que lá dentro a verdade triunfe. Por outras palavras: é necessário e urgente laicizar o ensino.

Não falemos mais, portanto, na tal neutralidade, que é um termo capcioso e absurdo.

A questão da escola laica, ou mais particularmente, da moral laica, atingiu tal importância que a ninguém é lícito ignorá-la, nem manter-se na indiferença perante este conflito entre dois mundos, como lhe chamou Belot.

Esses dois mundos, constituídos por confessionais e laicos, travam, na verdade, uma batalha que, embora de principios, será definitiva para um deles, que marcará o futuro dos povos e das raças.

Que pretendem, que afirmam, os partidários do primeiro?

Que o ensino religioso ou confessional é o único digno de ser ministrado a todos as criaturas, qualquer que seja a sua idade, o seu país e a sua raça.

Para os segundos, porém, só o ensino laico ou racional poderá realizar a pacificação e o progresso, visto ser ele o único que, fundando-se na observância das leis naturais, saberá respeitar a individualidade humana, evitando assim a deformação da espirituosa.

Os confessionais insistem: «A nossa moral é superior à moral laica.»

Os racionalistas objectam: «E porque? Em que lhe é ela superior?»

Respondem: «É superior em qualidade. O seu fim, o seu ideal é mais elevado.»

Pergunta-se-lhes: «Mais elevado porquê? Porque reside no infinito?»

Sendo assim, esta fechada toda a discussão, visto que nos atiram para um campo onde não podemos ir.

Se, porém, o fim último da moral religiosa é a perfeição da criatura, a generalidade da virtude e do dever, pregaramos ainda: «E essa perfeição quem a transmite: os principios ou os agentes divinos?»

Sendo estes, novamente, se encerra a discussão, visto Deus e os seus agentes infinitos estarem igualmente fora do alcance dos sentidos.

Residindo, porém, essa superidade na doutrina que cada um dos sistemas defende, o caso é outro.

O princípio básico da moral religiosa, especialmente da cristã, é: «Amar a Deus sobre todas as coisas.»

Por sua vez a moral laica diz-nos: «A Verdade é um bem comum: ama-a e enraia-a, porque só ela pode tornar os homens livres e perfeitos.»

Onde está aqui a superioridade? Nos que amam a Deus, ou nos que amam a Verdade?

Mas, para os confessionais, Deus é a Verdade. Logo, confessionais e não confessionais têm o mesmo objectivo: conduzir os homens à Verdade.

Tudo se harmonizaria se os racionalistas quisessem afirmar que Deus, para eles, era a Verdade.

Assim ficaria: fórmula confessional—«Deus é a única Verdade digna de ser amada.»

Fórmula racionalista—«A Verdade é o único Deus digno de ser amado.»

Como, porém, o termo Deus é o pomo da discordia, visto que para os confessionais ele é, não uma ideia abstrata mas uma entidade real, um agente—impossível se torna qualquer conciliação.

\*\*

Uma das qualidades que caracterizam a ação confessional é a pertinácia que leva os seus adeptos a formular as mais estranhas e audaciosas proposições, dando margem a esse *heroísmo de afirmar* que, na verdade, a neutralidade não traria a felicidade dos espacos não há para baixo nem para cima.

Por isso insistem: «Uma moral independente de toda a fórmula dogmática é uma moral relativa, sujeita por conseguinte à discussão e à negação.»

E acrescentam: «Moral sem dogma é moral sem eficácia. Falta-lhe o elemento principal, que a impõe à aceitação do público.»

Estes dois argumentos, que se reduzem a um só, não resistem à mais simples análise.

Basta, para os pulverizar, resumir qualquer página dos muitos tratados que a têm escrito sobre a origem, progresso e decadência das instituições religiosas. Do seu estudo se constata, não apenas relatividade de contingência da moral religiosa, mas ainda o seu fracasso e impotência, quando procura levar os homens à prática dum vida progressiva e venturosa.

Além disso, que moral tem sido mais atacada no mundo que a moral cristã, e em especial a católica?

Podem dizer-nos que, mantendo-se o Estado alheio às confissões religiosas, alheio deve também manter-se em relação à moral pública.

Não, porque o Estado, embora alheio a essas confissões, tem contudo a sua moral.

Mais ainda: o Estado sendo, como é, responsável pela conduta social que depende principalmente da orientação que se der ao ensino, de que a moral faz parte, não poderia exercer cabalmente a sua ação, pondo de lado esse instrumento, que será sempre, enquanto houver países e raças que se dedicam à força dominante, o principal agente da vitória.

Todas as vezes que um Estado abdica do ensino, abdica igualmente da sua liberdade.

Renunciando a ser orientador e educador, não admira que em seguida dependa daqueles a quem foi confiado o ensino.

Citemos o exemplo dos egípcios, que caíram no embrutecimento da mais vergonhosa ignorância, na altura em que o poder religioso se assentou no direito de ensinar os homens. O mesmo aconteceu na Grécia e em Roma: desde que o ensino passou das mãos dos filósofos para os dos sacerdotes, o gênio da raça desapareceu, a decadência é repentina.

Devendo o Estado ser, por conseguinte, o orientador da cultura geral dos cidadãos, a ele compete a administração, ou, pelo menos, a fiscalização de todo o ensino.

Pode e deve manter-se alheio a tudo quanto diga respeito ao fôrto íntimo de cada um; o mesmo não poderá fazer tratando-se da sua conduta moral, lhe.

É certo que a moral laica vêm também aqueles que pretendem demonstrar sua infiabilidade... Como se ela já, alguma vez, tivesse a livre ação da sua fôrça! Porque, até hoje, todo o poder e toda a astúcia das confissões religiosas têm sido encaminhados, principalmente, no sentido de embalar e desonrar a escola laica.

Para tal objectivo conseguem todos os meios e processos lhes parecem legítimos, desde a fôrça ao fusilamento, desde o prelado, até o exílio, desde o confisco à calúnia mais torpe.

Por isso, a todo o espírito normalmente formado. Isso, ou então, pelo menos, exigir que se acrescente o termo—público, o adjetivo—bronco ou mentecapto.

Como, porém, se não trata da moral para espíritos broncos ou mentecapitos, mas de moral social, da moral para todos, o argumento por si próprio se desfaz.

Bem sabemos que a afirmação, várias vezes lançada, de que a moral racionalista é uma moral aristocrática, própria para um deles, que marcará o futuro das povos e das raças.

Se os confessionais têm algum prazer, os laicos aceitam a afirmação, que só nobilita a moral que defendem.

Com efeito, se ela serve os espíritos cultos, para a aristocracia, é porque se trata dum moral superior e, por conseguinte, mais perfeita que qualquer outra, cristã, branca, islamita, judaica, etc.

Mas a moral laica não é preferida apenas pelos espíritos cultos: é o também por grande parte do vulgo, especialmente pelas massas operárias dos grandes centros.

Assim, é certo que a moral laica, o ensino racionalista, podem ser aceitos e praticados com vantagem por A, B, C... Se podem ser aceitos por um, dois, dez, vinte, podem-se-lhe também por mil ou um milhão isto é, pelas colectividades, que por sua vez formam as sociedades e as nações:

\*\*\*

Mas a moral laica é superior à confessional. E é veneno venenosos!

A moral religiosa tira o seu efeito, principalmente, da sanção ou castigo que lhe inverte.

«Pratica o bem e Deus te recompensará no céu», ensina ela.

A moral laica, pelo contrário, impõe-se natural desenvolvimento da razão e tem seu fundamento no dever cumprido, na prática dos bons actos e condenação dos maus—não apenas porque a prática contrária possa tornar os maus aos olhos do mundo, mas sobretudo porque tais actos lhe dão satisfação e alegria.

Assim, para o confessional o acto é mau porque desagrada a Deus; para o racionalista o acto será mau—em primeiro lugar porque desagrada à razão e, em segundo lugar porque desagrada aos homens, que com ele sofrerão.

O primeiro não incide na moral religiosa, apesar porque pode ir para o inferno. O segundo, absteém-se da prática desses actos nefandos—não só porque vão de encontro à moral social, mas sobretudo por que tais actos viscerais lhe repugnam.

Resumindo, temos que a moral religiosa, cuja finalidade reside no infinito, opera, sobretudo, pelo receio dum castigo post mortem.

Por contrário, a moral laica, cujo fundamento é a pretenção moral da razão, opera, não só, mas mais que a consagração de velhos preceitos e regras tirados da tradição e existentes há muito na consciência dos melhores.

Os fundadores do cristianismo afirmaram, sem dúvida, coisas interessantes e formosas.

Simplesmente, elas aparecem já nos trabalhos dos escritores pagãos, e em especial nos de escola de Alexandria. As suas palavras, provocadas pela ansiedade de melhores dias, não, no fundo, o resultado da moral colectiva. Andam no ar, ou antes, pairam sobre as consciências hesitantes, que as aceitam logo que uma voz comece a insinuar-se, e criar confiança.

Essa voz, a princípio anônima e sem eco, a breve trecho passará a ser a voz de Deus.

As doutrinas de Manu, de Buda, de Moisés, não, são, mais que a consagração de velhos preceitos e regras tirados da tradição e existentes há muito na consciência dos melhores.

Os fundadores do cristianismo afirmaram, sem dúvida, coisas interessantes e formosas.

Por contrário, a religião não pode ser, e em verdade nunca foi, determinante mesmo de qualquer legislação moral. Esse facto é sempre a resultante de outros meios ou agentes que o determinam, ou pela reflexão, ou instintivamente.

E são provenientes: 1.º da sua faculdade de ordenar, da sua necessidade de clareza e perfeição; 2.º do seu conhecimento mais ou menos preciso, mais ou menos lúcido das condições da vida e dos efeitos da sua conduta, isto é, da sua experiência.

Assim se confirma a dupla tese de que partimos. O que nos é necessário, e que a moral laica exige para desempenhar o seu papel pedagógico, não é um disfarce ou uma imitação mais ou menos engenhosa das antigas disciplinas, mas uma transfiguração inspirada em princípios verdadeiramente novos, uma criação orgânica, em harmonia com o racionalismo crítico e a democracia social que, solidariamente, dominam a vida contemporânea.

«Não é obra dum dia nem homem e os que nos censuram de não termos, com um golpe de vara mágica ou arreio ministerial, constituído uma pedagogia moral eficaz, quando os seus antepassados levaram, eles próprios, mais de 15 séculos para conseguirem uma, desconhecem a natureza do problema. Compreende-se por isso que não possamos pretender fazer aqui mais do que pôr aí a questão...»

«Não receamos reconhecer as virtudes que a educação tenha, por ventura, possuído, mas temos confiança na eficácia da moral laica, desde que ela saiba compensar-se, resolutamente, dum espírito novo que se der ao ensino.»

«Assim se confirma a dupla tese de que partimos. O que nos é necessário, e que a moral laica exige para desempenhar o seu papel pedagógico, não é um disfarce ou uma imitação mais ou menos engenhosa das antigas disciplinas, mas uma transfiguração inspirada em princípios verdadeiramente novos, uma criação orgânica, em harmonia com o racionalismo crítico e a democracia social que, solidariamente, dominam a vida contemporânea.

«Não é obra dum dia nem homem e os que nos censuram de não termos, com um golpe de vara mágica ou arreio ministerial, constituído uma pedagogia moral eficaz, quando os seus antepassados levaram,